

A IMAGEM-RELICÁRIO DE SÃO BONIFÁCIO: A PEDRA FUNDAMENTAL DA MISSÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO

Stella Regina Soares de Brito

Arquiteta, Mestre em Ciência da Arquitetura, Especialista em conservação e restauração de monumentos históricos.
stellareginabrito@hotmail.com

Kátia Santos Bogéa

Historiadora, Especialista em historiografia nacional.
katiabogea.3sr@iphan.gov.br

Emanuela Sousa Ribeiro

Doutora em História (UFPE), Professora do curso de bacharelado em Museologia da UFPE.
emanuelasousaribeiro@yahoo.com.br

Palavras-chave: Escultura opolicromada, Imaginária sacra, Maranhão, Companhia de Jesus.

Este trabalho visa apresentar o estado em que se encontram as pesquisas históricas e os trabalhos de identificação e restauro de uma imagem de São Bonifácio, em madeira policromada, que contém, na altura do peito, um relicário com fragmento de osso, peça identificada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Maranhão (Iphan- MA) em 1999, quando da realização dos trabalhos de campo do Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados (INBMI) no município de Penalva, distante 390 km da capital, no Estado do Maranhão. Esta imagem foi tombada pelo Iphan pelo seu valor histórico e artístico. Esse Processo de Tombamento recebeu o número 1540-T-07 (Processo nº 01458.000015/2007-47) e publicado no Diário Oficial da União - Secção 3 - pag.13 em 17 de Junho de 2011.

Naquela ocasião a imagem encontrava-se enrolada em jornal, em uma caixa de madeira, atrás do altar da Igreja de São José de Penalva. Havia sido escondida pelo seu guardião, Monsenhor Wilson Nunes Cordeiro, com o objetivo de preservá-la dos desaparecimentos de peças sacras que vinham ocorrendo na localidade.

Em 2002, quando da publicação do livro Olhos da Alma – Escola Maranhense de Imaginária, estudos realizados permitiram apresentá-la, publicamente, como a imagem-relicário de São Bonifácio, citada na documentação maranhense do séc. XVII. Cinco anos mais tarde, a peça foi reapresentada ao público maranhense graças às articulações promovidas pelo IPHAN – MA, juntamente com os Arcebispos de São Luís e Pinheiro, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão, a Secretaria de Estado da Cultura, a Prefeitura de Viana, a Academia Vianense de Letras, a Associação Comercial e Industrial de Viana, a Associação dos Idosos do Município de Viana, a Fundação Beneficente São Sebastião, a Pastoral da Criança e o Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico, Cultural e Paisagístico do Meio Ambiente de Viana. Entre 2007 e 2009 a peça

esteve em Belém do Pará, sendo restaurada por João Veloso dos Santos, restaurador do Iphan/PA, e atualmente encontra-se no Museu Histórico e Artístico de São Luís. Continuam em andamento os estudos sobre a peça e, neste artigo, apresentamos apenas os aspectos referentes aos seus possíveis dados históricos e às suas características iconográficas.

A presença de uma imagem-relicário de São Bonifácio, no Maranhão, está ligada à presença ali da Companhia de Jesus; uma das ordens religiosas mais atuantes na América colonial portuguesa, que trabalhou tanto na conversão dos indígenas, como ofereceu assistência espiritual aos colonos. No Maranhão, os jesuítas se estabeleceram em 1622, começando os trabalhos de fundação de algumas aldeias e do Colégio e Igreja de Nossa Senhora da Luz, em São Luís. Estes primeiros passos foram interrompidos em 1649, em virtude de um ataque de índios não aculturados, que levou à morte os três religiosos que compunham a missão.

Três anos depois, em 1652, a missão jesuíta no Estado do Maranhão e Grão-Pará foi restabelecida. Desta vez, vieram para o Maranhão dez religiosos que se destinavam a continuar os trabalhos iniciados em São Luís e a fundar um Colégio também na cidade de Belém, dando início à estruturação das atividades da Companhia de Jesus no norte do Brasil.

Segundo informação do jesuíta Pe. Manuel de Moraes - que viveu no Colégio do Pará, no século XVIII, até 1759 -, quando da refundação da missão do Maranhão os inacianos trouxeram consigo as relíquias dos santos mártires Alexandre e Bonifácio - dois presentes que teriam recebido do Papa Urbano VIII:

Tinha trazido consigo, quando voltava de Roma o Padre Manoel de Lima, o precioso donativo de dous corpos de santos mártires, que o seu respeito e agrado que conciliou naquela cúria tinha alcançado por via de um dos eminentíssimos cardeais, não duvidando Sua Santidade concorrer com piedosa liberalidade para fundação deste novo colégio apostólico com duas pedras tão seguras e firmes na fé, que por ela não duvidaram dar gloriosamente as vidas, eternizadas agora na memória da nossa devoção, de que recebem cotidiano culto nos dous colégios do Maranhão e Pará, para onde foram mandados. (MORAES, 1987, p. 192).

É ainda a mesma fonte que nos relata a chegada das duas relíquias a São Luís, informando-nos que, em 2 de dezembro de 1652, os missionários recém-chegados desembarcaram os “veneráveis corpos de S. Bonifácio e Santo Alexandre” do navio em que vieram, conduzindo as “preciosas relíquias” em solene procissão e colocando-as “no altar-mor da nossa igreja de ambos os lados do sacrário” (MORAES, 1987, p. 192). Na ocasião, decidiu-se, também que as relíquias de São Bonifácio ficariam em São Luís e as de Santo Alexandre seriam enviadas para o Pará.

Urbano VIII, pontífice desde 1623, falecera em 1644. As relíquias, no entanto, chegaram ao Maranhão em 1652, oito anos após a sua morte. Seria preciso encontrar documentação que nos permitisse identificar o ano e o motivo específico da doação. Tratou-se, sem dúvida, de um gesto significativo do pontífice o de oferecer este presente aos jesuítas, e, para melhor compreendê-lo, é importante conhecermos um pouco da política papal naquele período, de apoio tanto às missões no novo mundo, quanto à obra de evangelização realizada pelos jesuítas. Ambas faziam parte do processo de centralização do catolicismo em torno de Roma.

Já durante o curto pontificado do papa que antecederia a Urbano VIII - Gregório XV, pontífice entre 1621 e 1623 - fora criada, em 1622, a *Sacra Congregatio de Propaganda Fide*, instituição destinada a incentivar e normatizar as missões católicas para a Europa e para os territórios não cristãos. A *Propaganda* foi criada como resposta ao apelo de um rei cristão não europeu – o do Congo –, que queria se ver livre do padroado régio português. Também sob o pontificado de Gregório XV foram canonizados, em 1622, os dois primeiros santos jesuítas: Santo Inácio de Loyola e São Francisco Xavier (BOUTRY, 1996, p. 724).

Esta política romana de apoio às missões do clero regular foi reforçada durante o longo pontificado de Urbano VIII, o qual reestruturou a *Propaganda Fide*, dedicou-se à impressão de obras católicas em diversos idiomas e criou escolas para a formação de sacerdotes estrangeiros na Europa, entre outras ações (RENOUX, 1996, p.1496-1497). É ainda importante destacar que ambos os papas estudaram em escolas jesuítas, configurando-se como os dois primeiros pontífices romanos com formação inaciana (BOUTRY, 1996, p. 722). Desse modo, podemos interpretar a doação das relíquias de São Bonifácio e Santo Alexandre como um presente de Urbano VIII destinado não apenas a apoiar a missão do Maranhão, mas sim, como um presente

destinado a apoiar as missões da Companhia de Jesus como um todo. Corrobora esta interpretação o fato de que entre o recebimento do presente e a sua chegada ao Maranhão transcorreram-se, pelo menos, oito anos (da morte do papa, embora o presente possa ter sido oferecido antes) nos quais não temos notícia da localização das relíquias. Aparentemente, os jesuítas, tão logo se decidiram a refundar a missão do Maranhão, trouxeram-nas para o Estado do Grão-Pará e Maranhão, utilizando-as como marco simbólico das fundações dos dois Colégios que pretendiam estabelecer.

As relíquias, se de fato foram doadas por Urbano VIII para a missão do Maranhão, só chegaram quando a ordem decidiu enviar para o Estado um contingente significativo de missionários: entre os religiosos que compunham a nova missão estava o Pe. Antônio Vieira, já célebre orador e político da corte portuguesa (MORAES, 1987, p. 196). Deveriam viajar todos juntos, garantindo uma chegada triunfal ao Estado do Maranhão e Grão-Pará onde, como sabiam, lhes esperava a desconfiança dos colonos e dos administradores. Porém, em virtude de um obstáculo imposto por D. João IV, o Pe. Vieira foi impedido de viajar naquele navio em que vieram as relíquias (MORAES, 1987, p. 196), bem como o próprio Pe. Manoel de Lima - apontado como a pessoa que originalmente recebera as relíquias - o qual também não viajou na expedição que trouxe as relíquias para o Maranhão em 1652.

Vieira e Manoel de Lima chegaram ao Maranhão em janeiro de 1653, após uma viagem em que fugiram de piratas e sofreram com tempestades e calmarias. Na descrição das agruras sofridas durante a viagem não aparece nenhuma referência a São Bonifácio (LIMA, 1652); nem mesmo uma prece aparece destinada ao santo, o que pode nos indicar a inexistência de uma devoção especial a este orago.

Assim, diante da constatação de que o culto a São Bonifácio tinha pouca relação com a Companhia de Jesus, cabe-nos questionar o porquê da doação desta relíquia em especial. Qual poderia ter sido o significado simbólico das relíquias de São Bonifácio, para o papa Urbano VIII e para a Companhia de Jesus?

A pesquisa acerca da iconografia de São Bonifácio nos remete a, pelo menos, cinco santos de mesma denominação: o Papa Bonifácio I, falecido em 422 (LUONGO, 1998, p. 328); Bonifácio IV, também



Figura 1: Imagem de São Bonifácio antes da restauração.

papa, falecido em 615 (LUONGO, 1998, p. 329); Bonifácio de Savóia, bispo, falecido em 1270 (ROBERTINI, 1998, p. 330); Bonifácio Vinfrido, bispo, falecido em 755 (I DEUG-SU, 1998, p. 331-335); e Bonifácio mártir, que teria vivido na época de Diocleciano, imperador romano entre 284 e 305 (ROSAIRO, 1585, p. 210-211).

Destes, o mais conhecido, pelo menos na cúria romana, era São Bonifácio Vinfrido, bispo, que viveu entre 672/675 e 755, e ficou conhecido como o “apóstolo dos germanos”, por ter sido responsável pela conversão destes “bárbaros” através de missões e da fundação de mosteiros, visto que atuou como legado apostólico do então papa Gregório II (papa entre 715 e 731). Em estreita consonância com os papas seguintes, Gregório III (731 e 741) e, principalmente, Zacarias (741 e 752), São Bonifácio teve grande atuação política na consolidação dos reinos francos, sendo, inclusive, apontado como o responsável pela oficialização da dinastia carolíngia através da coroação do rei Pepino, o breve (I DEUG-SU, 1998, p. 331-335).

É bastante provável que a estreita relação de São Bonifácio Vinfrido com o papado e a sua intensa atividade missionária tenham sido os motivos que levaram Urbano VIII a destinar suas relíquias aos jesuítas, pois as atividades de São Bonifácio podem ser comparadas às atividades da Companhia de Jesus e ao seu voto de obediência ao papado. Assim, Urbano VIII reforçaria a mensagem de apoio às missões e, ao mesmo tempo, indicaria sua aprovação à Companhia de Jesus.

No entanto, a imagem maranhense destoa da iconografia tradicional daquele santo missionário. A iconografia de São Bonifácio Vinfrido possui as seguintes características:

Na iconografia primitiva Bonifácio é caracterizado como bispo, com báculo e os evangelhos. Sucessivamente lhe foram acrescentados a raposa, o corvo, o flagelo, que aludem a milagres atribuídos ao santo. A partir do século XV é recorrente sua apresentação com uma espada transpassando um livro, lembrando o seu martírio (I DEUG-SU, 1998, p. 333).

Já a imagem relicário de São Bonifácio que estamos estudando apresenta a seguinte indumentária: elmo centrado por penacho, corpete com gola retangular e mangas compridas em escamas no cotovelo; faixa transpassada sustentando o manto e forro; saiote; botas de cano longo. A imagem tem nas mãos um fragmento de

atributo que pode ser interpretado como um cabo, talvez de uma espada. (FIG.1).

Trata-se de indumentária em que aparecem alguns elementos da iconografia típica de São Bonifácio Vinfrido, como, por exemplo, o manto de viajante/missionário e, principalmente o punho de uma possível espada, que pode ter sido a "espada transpassando um livro", característica da iconografia do apóstolo dos germânicos. Destoa deste modelo iconográfico a indumentária composta por corpete e saiote, veste típica de romano, ou, melhor dizendo, a veste que os imaginários e fiéis do período colonial atribuíam aos romanos. Esta indumentária se aproxima da iconografia de outro São Bonifácio, o mártir da época do imperador Diocleciano, cuja veneração foi comum em Portugal no final do século XVI, conforme atesta sua inclusão na obra "Historia das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos sanctos", produzida pelo dominicano Frei Diogo do Rosairo, e publicada em Lisboa em 1585.

Neste livro é narrada a vida de São Bonifácio Mártir, que teria vivido no período de Diocleciano. Bonifácio trabalhava para uma viúva de nome Aglaes, com quem mantinha relação marital, apesar de não serem casados. A viúva era muito rica posto que era filha de Acácio, um antigo proconsul, e tanto ela quanto Bonifácio arrependeram-se dos seus pecados e resolveram viver como verdadeiros cristãos. Aglaes enviou Bonifácio à cidade de Tarso, a fim de recolher relíquias de mártires cristãos que lhes servissem de exemplo de fé. Ali chegando Bonifácio foi também preso e martirizado, e o seu corpo é que foi entregue a Aglais como relíquia (ROSAIRO, 1585, p. 211 – 212).

Esta hagiografia publicada em Lisboa no final do século XVI pelo dominicano Fr. Rosairo pode ser um caminho para identificarmos as características iconográficas desta imagem de São Bonifácio que se encontra no Maranhão. É possível que se trate de uma mistura de interpretações das vidas dos dois Bonifácios. Esta situação pode ter sido favorecida pelo grande movimento internacional de descobrimento e repartição de relíquias, iniciado com o descobrimento de mais de trinta catacumbas em Roma após 1578 (CYMBALISTA, 2006, p. 16).

Temos notícia de que Portugal recebeu, no final do século XVI, duas grandes coleções de relíquias, uma em 1588, destinada à Igreja de São Roque da Companhia de Jesus em Lisboa, e outra em



Figura 2: Imagem de São Bonifácio após a restauração.

1595 destinada à Igreja da Santa Cruz, em Coimbra (CARVALHO, 2001, p. 115, 154). Nestas duas coleções não estava a relíquia de São Bonifácio, porém, no início do século XVII, em 1619, uma nova coleção de relíquias, também proveniente de Roma, trouxe as relíquias de São Bonifácio para o Convento de Avis (CARVALHO, 2001, p. 103).

É possível que, com tantas relíquias novas chegando, tenha ocorrido alguma confusão no estabelecimento da iconografia desta imagem. Reforça-nos esta convicção a existência de outra imagem de São Bonifácio, com vestes semelhantes às da imagem maranhense. Trata-se de uma peça que se encontra na Igreja de São Nicolau, em Lisboa, também ela uma imagem relicário, em forma de corpo jacente (atualmente sob o altar de uma das capelas laterais da Igreja). Embora seja uma imagem de vestir, a indumentária é semelhante à do São Bonifácio que estamos estudando – lembrando as vestes romanas e aparecendo, inclusive, o elmo. Infelizmente não pudemos, até o momento, inferir a datação desta peça e nem a hagiografia a ela associada, mas, a existência desta indumentária de São Bonifácio, mártir romano, em Lisboa em uma igreja importante da cidade, pode significar a maior difusão, entre os meios mais populares, desta iconografia.

Esta e outras questões ainda precisam ser aprofundadas, uma vez que os estudos ainda estão em andamento. Até o momento, apenas a restauração da peça foi completamente realizada. Frente à complexidade dos trabalhos de conservação e restauro – executados por João Veloso dos Santos – o tratamento da peça ocorreu em três etapas distintas:

Primeira etapa: limpeza das sujidades; imunização com tratamento curativo; eliminação dos elementos estranhos;

Segunda etapa: eliminação de repinturas/extratos de tintas, consolidação do suporte nas áreas que apresentavam fragilidade estrutural e das partes quebradas (penacho e mão) e nivelamento das lacunas;

Terceira etapa: reintegração cromática da camada pictórica e aplicação da película protetora.

No total foram identificadas, e removidas, cinco camadas de tinta sobre a original, revelando uma pigmentação bastante sóbria. A peça encontra-se revestida em toda a superfície por base de preparação na cor branca. A policromia original da carnação é

creme, com faces levemente ruborizadas, boca fechada bem marcada, e de aspecto porcelanizado. Cabeleira em mechas, bigode grosso sobre barba curta bipartida em rolos e sobrancelhas castanho escuras. A indumentária tem aspecto opaco nas cores: azul, vermelho e amarelo ocre, exceto no amarelo ocre do elmo, que possui contorno com tons de douramentos. (FIG,2)

Em relação à leitura tecnológica, a escultura é de talha inteira ou talha completa, construída a partir de bloco único. Possui proporção de cinco e meia cabeças. A madeira ainda não foi identificada e tem coloração escura, compacta e peso leve.

Conforme se pode perceber, muito ainda há para ser feito antes que possamos dar por concluídos os trabalhos de identificação desta peça, porém, o principal, já foi realizado: sociedade maranhense já recebeu a imagem relicário de São Bonifácio – de volta à sua primeira casa – em comemoração solene na Catedral de Nossa Senhora da Vitoria no mês de maio de 2009.

Referências

BOUTRY, Philippe. Gregorio XV. In: LEVILLAIN, Philippe (coord.). Dicionario Storico del Papato. Milão: Bompiani, 1996. Volume I.

CARVALHO, José Adriano de Freitas. Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595): relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia. In: Via Spiritus. Revista de história da espiritualidade e do sentimento religioso. Porto: Universidade do Porto, Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto, 2001, vol. 8, p. 95 – 156. Disponível on-line em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3494.pdf>, em 30/03/2010.

CYMBALISTA, Renato. Relíquias sagradas e a construção do território cristão na Idade Moderna. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.14. n.2. p. 11-50. jul.- dez. 2006. Disponível on-line em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000200002&lng=en&nrm=iso, em 30/03/2010.

I DEUG-SU. ,Bonifacio Vinfrido. In: ZARRI, Gabriela, RICCARDI, Andrea, LEONARDI, Claudio (coords.). Il Grande Libro dei Santi. Turim: Edizione San Paolo, 1998. Volume A-F.

LIMA, Manuel de (S.J.). Relação da viagem da caravella em que ia o P. Manuel de Lima ao Maranhão e os P.P. Antonio Vieyra, Matheus Delgado e M.el de Sousa. 1653. Biblioteca Pública de Evora, códice CXV/2-13, ff. 324-325v. Documento manuscrito.

LUONGO, Gennaro. Bonifacio I. In: ZARRI, Gabriela, RICCARDI, Andrea, LEONARDI, Claudio (coords.). *Il Grande Libro dei Santi*. Turim: Edizione San Paolo, 1998. Volume A-F.

MORAES, José de (Pe). *História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

RENOUX, Christian. Urbano VIII. In: LEVILLAIN, Philippe (coord.). *Dizionario Storico del Papato*. Milão: Edizione Bompiani, 1996. Volume II.

ROBERTINI, Luca. Bonifacio de Savoia. In: ZARRI, Gabriela, RICCARDI, Andrea, LEONARDI, Claudio (coords.). *Il Grande Libro dei Santi*. Turim: Edizione San Paolo, 1998. Volume A-F.

ROSAIRO, Diogo do (O. P.). *Historia das vidas e feitos heroicos e obras insignes dos sanctos: com muitos sermões & praticas espirituas que seruem pera muitas festas do anno / vistas & cotejadas com os seus originaes*. Lisboa: Antonio Ribeiro: a custa de João Despanha e Miguel Darenas, liureiros 1585. Disponível online em: <http://purl.pt/14884>, Biblioteca Nacional de Portugal, em 30/03/2010.